

Leitura: Teoria & Prática



global
EDITORA

ANO 30 – JUNHO 2012 – NÚMERO 58 – ISSN 0102-387X – REVISTA SEMESTRAL DA ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL

SUPLEMENTO ESPECIAL - 18ª COLE

FAEPEX
UNICAMP



CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico



Prezado leitor.

Você terá acesso ao índice com o conteúdo de sua edição especial de **Leitura: Teoria & Prática** utilizando o recurso **bookmarks** de seu **Adobe Reader**.

Basta clicar no botão sinalizado por um marcador de páginas situado à esquerda, na parte superior de sua tela.

Você também pode utilizar o recurso de localização (**Ctrl + F**) e realizar buscas por nomes de autores ou títulos de artigos.

Além disso, você pode utilizar os modos de leitura do **Adobe Reader** (**Ctrl H** e **Ctrl L**), que proporcionam mais conforto.

Boa leitura.



Associação de Leitura do Brasil

COMISSÃO EXECUTIVA EDITORIAL

Gabriela Fiorin Rigotti (coordenadora) (Unicamp); Alik Wunder (PUCCamp); Ana Lúcia Horta Nogueira (USP); Antonio Carlos Amorim (Unicamp); Davina Marques (USP); Heloísa Helena Pimenta Rocha (Unicamp); Lílian Lopes Martin da Silva (Unicamp); Maria Lygia Köpke Santos (ECC); Rosalia de Ângelo Scorsi (Unicamp); Ubirajara Alencar Rodrigues (Unicamp).

CONSELHO EDITORIAL EXTERNO

Águeda Bernardete Bittencourt (Unicamp); Ana Luiza Bustamante Smolka (Unicamp); Antônio Manuel da Costa Guedes Branco (Universidade do Algarve - Portugal); Charly Ryan (University of Winchester - Inglaterra); Antônio Augusto Gomes Batista (UFMG); Edmir Perrotti (USP); Eliana Kefalás Oliveira (UFAL); Francisca Izabel Pereira Maciel (UFMG); Giovana Scareli (UNIT); Guilherme do Val Toledo Prado (Unicamp); Héctor Rubén Cucuzza (Universidad Nacional de Luján e Universidad Nacional de La Plata - Argentina); Heitor Gribl (Unicamp); João Wanderley Geraldi (Unicamp); Joaquim Brasil Fontes (Unicamp); Lívia Suassuna (UFPE); Luciane Moreira de Oliveira (PUCCamp); Luiz Percival Leme Britto (UFOPA); Magda Becker Soares (UFMG); Maria do Rosário Longo Mortatti (UNESP); Maria Inês Ghilardi Lucena (PUCCamp); Maria Teresa Gonçalves Pereira (UERJ); Marly Amarilha (UFRN); Max Butlen (UCP IUFM - França); Milton José de Almeida (Unicamp); Norma Sandra de Almeida Ferreira (Unicamp); Núria Vilà Miguel (Universidad Autònoma de Barcelona - Espanha); Raquel Salek Fiad (Unicamp); Regina Zilberman (UFRS); Roberval Teixeira e Silva (UM - FSH - China); Rosa Maria Hessel Silveira (UFRGS); Rosana Horio Monteiro (UFG); Sônia Kramer (PUCRJ).

APOIO

Faculdade de Educação / UNICAMP

REVISÃO EDITORIAL

Fabiano Corrêa da Silva

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Global Editora e Distribuidora Ltda
R. Piratinguin, 111 - Liberdade - São Paulo - SP - CEP: 01508-020
Fone +55 xx 11 3277-7999 - Fax: +55 xx 11 3277-8141
CNPJ: 43.825.736.001-01 - Insc. Est: 109.085.073.112
CAPA: Criação e layout: Rosalia de Angelo Scorsi sobre Calligraphy Tools - Hokusai - 1822 (2009 - Parkstone Press International, New York, USA)

Leitura: Teoria & Prática solicita colaborações, mas reserva-se o direito de publicar ou não as matérias enviadas para a redação. Todos os textos deverão seguir as regras de publicação expressas ao final da Revista.

ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL - DIRETORIA

Presidente: Antonio Carlos Amorim

Vice-presidente: Gabriela Fiorin Rigotti

1º Secretário: Alik Wunder

2º Secretário: Ana Lúcia Horta Nogueira

1º Tesoureiro: Davina Marques

2º Tesoureiro: Ubirajara Alencar Rodrigues

Obs.: Além da diretoria, a ALB conta com um Colegiado Nacional de Representantes.

REDAÇÃO

Leitura: Teoria & Prática - Associação de Leitura do Brasil
Caixa Postal 6117 - Anexo II - FE/UNICAMP - CEP: 13083-970 - Campinas - SP - Brasil
Fone +55 xx 19 3521-7960 - Fone/Fax +55 xx 19 3289-4166.
E-mail: ltp@alb.com.br - Home page <http://alb.com.br/>

Catálogo na fonte elaborada pela Biblioteca da Faculdade de Educação / UNICAMP

Leitura: Teoria & Prática / Associação de Leitura do Brasil. - ano 1, n.0, 1982 -. - Campinas, SP: Global, 2012.

Revista da Associação de Leitura do Brasil
Periodicidade: Semestral
ISSN: 0102-387X
Ano 30, n.58, jun. 2012

1. Leitura - Periódicos. 2. Educação - Periódicos. 3. Lín- guas - Estudo e ensino - Periódicos. 4. Literatura - Periódicos. 5. Biblioteca - Periódicos - I. Associação de Leitura do Brasil.
CDD - 418.405

Indexada em:

Edubase (FE/UNICAMP) / Sumários de Periódicos Conrrentes Online (FE/ UNICAMP) / Linguistics and Language Behavior Abstracts (LLBA) / Clase (México, DF) / BBE (INEP/SIBEC)

Impresso no Brasil - 2012

© by autores

Editada pela ALB - Associação de Leitura do Brasil (Campinas, SP) em co-edição com a Global Editora (São Paulo).

Atualmente a Revista faz um total de 55 permutas. A ALB tem interesse em estabelecer permuta de sua revista *Leitura: Teoria & Prática* com outros periódicos congêneres nacionais ou estrangeiros. Os interessados devem entrar em contato com a Biblioteca da Faculdade de Educação da UNICAMP para estabelecer a permuta através do endereço abaixo:

Gildenir Carolino Santos

Diretor da Biblioteca Prof. Joel Martins

Faculdade de Educação - Universidade Estadual de Campinas

Rua Bertrand Russell, 801 - Cidade Universitária

Caixa Postal: 6120 - CEP: 13083-970 - Campinas - SP - Brasil

Tel +55 xx 19 3521-5571 - Fax +55 xx 19 3521-5570

E-mail: gilbfe@unicamp.br - URL: <http://www.bibli.fae.unicamp.br/index.html>

EDITORIAL

CONTRACOMBATES À HOMOGENEIZAÇÃO NA ESCUTA DO MUNDO

GABRIELA FIORIN RIGOTTI¹

ANTONIO CARLOS AMORIM²

O 18º Congresso de Leitura do Brasil (COLE), com seu temário O Mundo Grita. Escuta? abre-se para ouvir os gritos que soam em dinâmicas e criações de diversas linguagens que leem o mundo: as postagens – cartas, telegramas, cartões postais, torpedos...; as artes – fotografia, música, literatura, teatro, dança, cinema, instalações...; as formas de vida – da infância, da loucura, da velhice, da juventude, da resistência, das relações socioculturais...; as dobras da língua portuguesa – atravessamentos subjetivos, polissêmicos, polifônicos, políticos... Potências do fragmento, da sonoridade, da imagem, da territorialidade, da temporalidade; potências plurais e singulares, vacúolos e sem-sentidos, contracombates à homogeneização na escuta do mundo.

Leituras que possam se abrir à ausência de clareza da linguagem e a propostas que não sejam consideradas centrais ou principais. Contracombate. Palavra que sugere pensar sem passar pela resistência. Contracombate, a força que deriva na/pela linguagem, re-existindo em um mundo que cala por seu desejo de hegemonia e de uniformidade.

Este número da Revista Leitura: Teoria & Prática compõe, com as formas que organizamos o 18º COLE, na aposta de tratar a leitura em sua superfície de entrelace de linguagens, criações de escuta, de sussurros e gritos, em ouvidos, muitas vezes, já “murados” e à prova de sons.

A sugestão não é buscar pelo esclarecimento e pela

transparência, tributárias da comunicação e de certo viés cognitivo que ainda persiste em atrelar a linguagem em um jogo de interioridade e exterioridade com o pensamento.

A leitura encontrará as aberturas para o sem-sentido, o contracombate e a proliferação da vida livre?

Os escritos de Max Butlen, traduzidos por Joaquim Brasil Fontes, vêm ao encontro dessa pluralidade de sentidos, ao apontar para o desconhecimento frequente de continuidades acerca do processo de compreensão e interpretação literárias, ao mesmo tempo em que expõe como benéficas e necessárias certas rupturas de sentido.

Outras percepções para a leitura do mundo também podem aparecer em processos de escrita e criação a partir do corpo, como nos mostra Adilson Nascimento em seu ensaio literário, descrevendo a dança como fusão entre matéria-espírito, dois aspectos complementares na totalidade do ser. A imagem e constituição do palhaço como texto, escrito em forma de diário, aberto e soberano, no artigo de Eduardo Silveira evidenciam novamente a largueza de sentidos contidos no âmbito da leitura.

Seguindo a trilha da leitura a partir das artes, o artigo de Silvia Nassif faz uma análise crítica das práticas artísticas na educação infantil, confirmando a importância de que sejam abordadas em total cumplicidade com as questões mais fundamentais do processo educacional. Já Dennys Dikson e Eduardo Calil analisam a construção estudantil do discurso a

1 - Coordenadora da Comissão Executiva Editorial e pesquisadora do grupo de pesquisa Alfabetização, Leitura e Escrita – ALLE, FE/Unicamp. e-mail: gabi@alb.com.br

2 - Presidente da Associação de Leitura do Brasil (ALB) no biênio 2011-2012 e pesquisador do grupo de pesquisa Laboratório de Estudos Audiovisuais – Olho, FE/Unicamp. e-mail: acamorim@alb.com.br

partir da imagem e de textos que dialogam em histórias em quadrinhos da Turma da Mônica.

A leitura como espaço de encontro e desencontro do leitor com o autor é apontada pelo artigo de Pedro Navarro, novamente indicando para o sem-fim de leituras possíveis, a partir de escritos e outras representações presentes no mundo. Nessa conexão, os escritos de Stela Miller evidenciam a importância do trabalho pedagógico para o desenvolvimento da imaginação criadora da criança a partir de práticas de leitura.

Almejando também pensar sobre o ler como matéria-prima para o imaginar, Eliana Felipe resenha o livro de Norma Sandra de Almeida Ferreira, o qual incorpora reflexões sobre a produção, circulação e recepção das obras de Monteiro Lobato no Brasil e em Portugal, além de sua transferência para outros meios, como a televisão. Carlos Drummond de Andrade, outro de nossos incentivadores da imaginação, aparece no artigo de Maria Amélia Dalvi, que o busca nos livros didáticos e defende que o autor apareça em representações menos lineares e homogêneas, subvertendo as visões hegemônicas de literatura.

Na procura por novos e mais amplos caminhos a serem percorridos pelo sem-fim de sentidos da leitura, Cyntia Giroto e Renata Junqueira argumentam favoravelmente à implementação contextualizada e adequada ao aprendizado

da literatura infantil à realidade de seus alunos, pois tornam a leitura infantil significativa e prazerosa. Ao mesmo tempo, Juliana Tozzi analisa a importância da escolha de livros para a leitura de crianças e jovens por parte de seus professores, e Paula Roberta Rocha e Adriana Laplane apontam para as influências das práticas de leitura na família e na escola na constituição de alunos-leitores.

Este número 58 da Revista Leitura: Teoria & Prática contém um suplemento com artigos aprovados para apresentação no 18º COLE. Inovamos nesta direção de publicar tais artigos como parte integrante da revista, no estilo de um dossiê temático, e divulgá-los mais amplamente para sua comunidade leitora. Seguimos, desta forma, qualificando a publicação e diversificando suas temáticas e alcances.

A publicação deste novo número da Revista Leitura: Teoria & Prática ressoa também com o marco dos 30 anos da criação e do início dos trabalhos da Associação de Leitura do Brasil (ALB), pois se trata de um dos artefatos mais destacáveis dessa história. Sua publicação traz, portanto, o sabor do conjunto de comemorações de aniversário da ALB que se iniciarão no 18º COLE.

E significa ainda um dos nossos presentes às associadas e aos associados da instituição!

DECIFRANDO AS IMAGENS DE CANUDOS 100 ANOS

Joyce Guadagnuci¹

Resumo

Este trabalho é parte dos estudos realizados durante o mestrado defendido em 2010 na Faculdade de Educação da Unicamp, que teve como principal objetivo realizar análises das fotografias que compõem o livro *Canudos 100 anos*, de Evandro Teixeira. Neste recorte da pesquisa, observamos um conjunto de 32 imagens a partir de dois procedimentos. Na primeira etapa, realizamos um paralelo entre os recursos técnicos utilizados na produção das imagens, como a seleção dos equipamentos e das técnicas de composição das fotografias, e o tema. O livro faz menção à Guerra de Canudos, terminada exatamente 100 anos antes da publicação do trabalho. Sendo assim, recorreremos à obra de referência sobre a Guerra, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, mais especificamente, aos estudos empreendidos pelo professor Leopoldo M. Bernucci (2009), que se debruçam sobre a linguagem articulada pelo autor no referido livro. As conclusões de Bernucci serviram como uma espécie de inspiração, viabilizando a percepção de reflexos da obra de Euclides da Cunha na forma como Teixeira se aproximou do seu tema. Na segunda parte, efetuamos aproximações de algumas fotos de *Canudos 100 anos* com outro trabalho que teve a obra *Os Sertões* envolvida, uma sequência retirada do livro *Sertões: Luz & Trevas*, da fotógrafa Maureen Bisilliat. Desta forma, encontramos possibilidades diferentes de interpretação para as fotografias de Teixeira, e percebemos com mais clareza a relação profunda que o fotógrafo estabeleceu com Canudos.

Palavras-chave

Fotografia; interpretação; educação; Canudos.

Abstract

This paper addresses part of the studies undertaken for obtaining a master's degree in 2010 at the College of Education - Unicamp, which aimed to analyze the photographs which compose the book *Canudos 100 anos*, by Evandro Teixeira. In this partial account of the research, we have studied a set of 32 images from two distinct perspectives. In the first part, we compare the technical resources used to produce the images – as the selection of photography composition equipment and techniques, as well as the theme. The book mentions the War of Canudos, which ended exactly 100 years before the work was published. Therefore, we have used the reference book on this war, *Os Sertões*, by Euclides da Cunha – more specifically the studies carried out by Professor Leopoldo M. Bernucci (2009), who has examined the language adopted by the author of the mentioned book. Bernucci's conclusions were like an inspiration, showing that *Os Sertões* reflected on how Teixeira approached the theme. In the second part, we compare some photographs from *Canudos 100 anos* to another work involving *Os Sertões*, a sequence taken from the book *Sertões: Luz & Trevas*, by the photographer Maureen Bisilliat. We have found different possibilities of interpreting Teixeira's photographs and have realized more clearly how strong a connection he has established with Canudos.

Keywords

Photography; interpretation; education; Canudos.

1 - Universidade Metodista de Piracicaba/ Unimep.

O livro

Canudos 100 anos foi publicado sob o mote da comemoração dos 100 anos da Guerra de Canudos, sendo assim, a edição saiu em 1997. É composto de 106 fotografias em preto e branco realizadas por Evandro Teixeira acompanhadas de textos produzidos pela jornalista e pesquisadora Ivana Bentes.

No livro, a maior parte das fotos ocupa uma página inteira, cada uma delas possui uma legenda, que em geral aparece na folha ao lado, dado o tamanho das fotos. Os textos estão posicionados nas páginas ao lado das fotos e em vários trechos depois de uma sequência de três ou quatro imagens. Percebe-se pela diagramação que textos e fotos não estão dispostos de forma a se complementarem, como numa reportagem de jornal, por exemplo, onde a organização dos elementos na página indicam a leitura a ser feita. Em *Canudos 100 anos*, os textos, em sua maioria, não encontram ancoragem diretamente nas fotografias que se encontram ao lado. Aliás, quando se tenta essa forma de leitura, a apreciação do livro se torna bastante enfadonha, exatamente por não ser possível fazer uma leitura linear, em que os textos vão guiando a observação das fotos, a fim de explicá-las. As definições de Mitchell (2002) nos ajudam a entender melhor esta questão. Para o autor, nos livros os textos podem ser inseridos de outras formas e estabelecer outras relações com as fotografias, em alguns casos, criam certa resistência, permitindo uma interpretação para além da própria imagem. E talvez seja exatamente esse o caso de *Canudos 100 anos*.

O fotógrafo

Evandro Teixeira é um fotógrafo com mais de 40 anos de carreira. Nasceu na Bahia, mas mora e trabalha no Rio de Janeiro desde meados do século XX. Na cidade, ele iniciou sua carreira de fotógrafo, trabalhou no Diário da Noite e depois, em 1963, foi convidado para integrar a equipe de fotógrafos do Jornal do Brasil, onde permaneceu até 2010.

No texto de abertura do livro ele justifica sua opção pelo tema Canudos.

Publicar um livro de fotos sobre Canudos era um sonho que eu cultivava há anos. Baiano, ainda menino, ouvia as histórias de Antônio Conselheiro e de sua Canudos contadas por meus avós. Adolescente, li *Os Sertões* pela primeira vez e me apaixonei. O que Euclides da Cunha descrevia, eu transpunha para imagens. E, com elas, o fascínio pela batalha crescia. Quando me tornei fotógrafo, aos 20 anos de idade, Canudos já era um projeto. Não um projeto pronto. Mas um objetivo ainda não definido. (TEIXEIRA, 1997, p.9)

O que percebemos nesse relato é que concretizar o projeto não era uma questão profissional para o fotógrafo, mas pessoal. E que a obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, também exerceu bastante influência na concretização do intento.

Com relação às fotos do livro, um aspecto estético que salta aos olhos logo nas primeiras observações é um tipo de distorção que elas apresentam se comparadas às fotos que cotidianamente estampam os jornais e revistas. Algo referente ao uso de uma objetiva grande-angular, o que é rapidamente confirmado ao final da publicação, “todas as fotos foram feitas com uma Leica M6, objetiva 21 mm”. Este é um equipamento que usa filme, e a distância focal de 21 mm se refere a uma grande-angular. A objetiva grande-angular, que se caracteriza por ampliar o ângulo de visão da câmera, funciona aqui como uma espécie de olho biônico, pois “[...] tende a levar o fundo para mais longe do primeiro plano. Como resultado parece que foi adicionada profundidade à imagem.” (FOLTS et al., 2007, p.192). Nesse sentido, quando opta por esse equipamento, Teixeira já está definindo mais alguns caminhos nesse percurso de realização do seu trabalho.

Euclides da Cunha em Evandro Teixeira

Num segundo olhar sobre o livro, é possível detectar algumas escolhas relacionadas também à divisão que o fotógrafo faz quando olha para seu tema. Algo muito próximo ao formato de *Os Sertões*, que se apresenta em três partes – *A Terra, O Homem, A Luta*. As fotografias de *Canudos 100 anos* estão agrupadas em personagens (figuras humanas), signos do sertão (paisagens, vegetação, as cidades visitadas), signos de

guerra (canhões, armas, munição), signos religiosos (cruzes, santos). Há também uma espécie de opção, ao final do livro, por se fotografar em sequência alguns eventos. Apresentaremos a seguir as análises fotográficas relacionadas à primeira e à última partes da obra de Euclides da Cunha.

Signos do sertão (*A Terra*)

As cidades da região de Canudos visitadas pelo fotógrafo aparecem em suas imagens como paisagens estranhas, principalmente devido ao uso da objetiva grande-angular, que se mostra ostensivamente no enquadramento.

As composições também se apresentam bastante ousadas, assimétricas, tomadas por grande porção de céu e apenas uma estreita faixa de terra, em planos bem abertos.

Na foto 1, a legenda indica a Canudos atual. Notam-se elementos contemporâneos, como um poste de luz, ao centro, um chão quadriculado, automóveis, mas apesar disso nada parece se mover, nada parece existir, pelo menos no aqui e agora. A representação é solene, parece até que a paisagem parou para posar. Trata-se da atualidade, sabemos pela legenda, mas a construção, a composição da fotografia nos remete ao imaginado, e aí ao imaginado pelo fotógrafo, à Canudos de Teixeira.



FOTO 1 – A Canudos atual – Fonte: TEIXEIRA, 1997, p.39.



FOTO 2 – A cidade de Rosário – Fonte: TEIXEIRA, 1997, p.33.

A construção realizada na foto 2, da cidade de Rosário, parte do mesmo recurso, o uso da grande-angular, mas esta não possui elementos tão atuais, não há carros, o poste, símbolo da modernidade, dá lugar a uma cruz. Com isso é reforçada a ideia de que tanto faz o tempo, se uma cidade é moderna ou antiga, as duas são representadas pelo fotógrafo da mesma forma, pois o que ele fotografa está mais no seu imaginário da região – construído a partir do relato de seus avós e também através da leitura da obra de Euclides da Cunha – do que na realidade concreta do local.

O fotógrafo também se detém nos detalhes da vegetação e na paisagem de Canudos, realizando o que parece ser sua versão de *A Terra*, como na narrativa de *Os Sertões*. No prefácio da última edição da obra, Leopoldo M. Bernucci apresenta um estudo sobre os efeitos estéticos da linguagem euclideana. O autor (2009) ressalta a relação que há entre *A Terra*, parte inicial da obra, e *A Luta*, trecho que encerra o livro. Euclides da Cunha, para Bernucci (2009), cria o que ele chama de “metáfora do conflito” (p.18). A frequência com que trechos como “o embater dos elementos” (CUNHA, p.79, *apud* BERNUCCI, p.18) ou “a luta pela vida” (CUNHA, p.117, *apud* BERNUCCI, p.18) aparecem em *A Terra*, “nos faz pensar que já estamos no regime dos combates de *A Luta*” (p.18). Na visão de Bernucci (2009,

p.19), o autor faz uma troca de papéis “ora a natureza domina o homem, ora este luta contra ela”. Fazendo um paralelo com o trabalho fotográfico de Teixeira, o fotógrafo parece realizar um percurso semelhante. Apresenta-nos algumas imagens isoladas da vegetação sertaneja, ao mesmo tempo bela e miserável (foto 3); planos gerais que evocam a aridez que castiga o humano e o animal (fotos 4 e 5); mas se atém também à resistência do homem sertanejo inserindo-o na paisagem de forma anônima (foto 6).

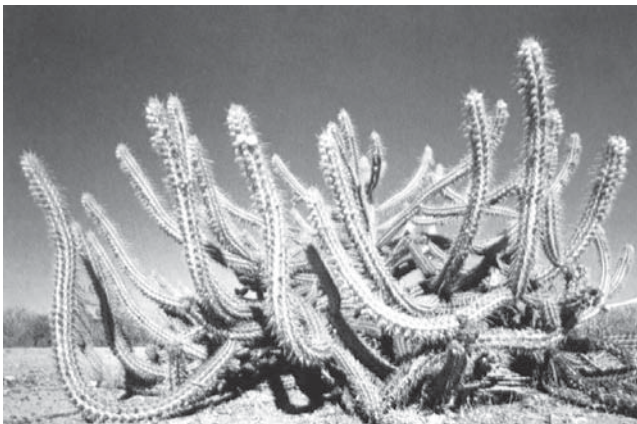


FOTO 3 - Vegetação Sertaneja – Fonte: TEIXEIRA, 1997, p.22.



FOTO 4 – Solo árido – Fonte: TEIXEIRA, 1997, p.21.



FOTO 5 – Ossada de animal – Fonte: TEIXEIRA, 1997, p.25.



FOTO 6 – Anônimos – Fonte: TEIXEIRA, 1997, p.75.

Há também, no estudo de Bernucci (2009), a hipótese de que as seções *A Terra* e *O Homem* se entrelaçam em vários pontos. Diz o autor, “não nos surpreende, assim, ver tantas vezes um assunto ser discutido na primeira parte para depois ser retomado ou expandido na segunda” (p.23). O que mostra que homem e meio não se dissociam, o meio determina o homem.

O fato de Euclides da Cunha explorar em vários momentos a ideia, que ele mesmo refutou, de ter existido em certo momento na história um mar cobrindo o sertão, algo bastante presente no imaginário de Conselheiro e dos sertanejos, mostra de acordo com Bernucci (2009, p.24), sua “forte adesão ao imaginário sertanejo, a tal ponto que ele próprio chega a falar da *ilusão maravilhosa de um seio de mar*”.

E mais uma vez as fotografias de Evandro Teixeira parecem se assemelhar à narrativa euclideana. Na foto 7, o fotógrafo opta por uma cena que contrasta muito com a paisagem árida que permeia *Canudos 100 anos*. Nela, uma imensidão de água invade o enquadramento tendo apenas alguns vestígios de solidez. A legenda nos informa que se trata do açude do Cocorobó², que cobriu a velha Canudos, pois a primeira foi destruída durante os anos da guerra. No momento em que a foto foi realizada, a seca castigava a região deixando a porção de água reduzida e as ruínas da cidade à mostra. Mas Teixeira vai além e, assim como Euclides da Cunha, dá vazão ao imaginário do sertanejo. Captura em meio às ruínas e à água, no terço direito do quadro, uma menina que parece banhar uma boneca. A sensação de abundância, frescor, invade os olhos. Nesta fotografia, como nas profecias de Conselheiro, o sertão realmente virou mar. Evandro segue os sonhos do homem do sertão e com sua câmera torna-os imagem.



FOTO 7 – Açude do Cocorobó – Fonte: TEIXEIRA, 1997, p.43.

Bernucci (2009) aponta também “ressonâncias bíblicas” no texto do escritor “que contribuem para fazer de Canudos um lugar inexaurível de infinitas possibilidades interpretativas” (p.20). O autor indica algumas passagens como “morros, incoerentemente esparsos” (CUNHA, p.79, *apud* BERNUCCI, p.21), morros parecidos com “disformes pirâmides” (CUNHA, p.83, *apud* BERNUCCI, p.21), onde Cunha trabalha, segundo ele, com a metáfora do caos. “E isto tudo serve para adiantar as imagens dos horrores paridos por uma natureza, cuja gênese em si é imperfeita.” (p.21).

Curiosamente, Teixeira nos apresenta uma referência visual bastante condizente com tal aspecto pinçado do estudo de Bernucci. Na foto 8, o fotógrafo nos mostra suas “disformes pirâmides”. Trata-se de um plano geral da serra de Monte Santo, dados contidos na legenda. Dividindo a composição ao meio, a serra tem sobre si uma densa nuvem que parece achatá-la, assim como as minúsculas construções logo abaixo. Seria esse céu pesado indício de uma atuação divina? No primeiro plano, há a presença humana – uma mulher e duas crianças, que paradoxalmente parecem andar para trás, dada a distorção,

2 - Em 1969, a Canudos reconstruída após a Guerra foi represada pelas águas do rio Vaza-Barris. Os moradores foram retirados do local e criaram um terceira Canudos.

já muito discutida neste texto, proporcionada pela objetiva grande-angular, e também por estarem posicionadas no extremo esquerdo do quadro. É como se Evandro estivesse nos dizendo “Vamos voltar a fita!” para que retornemos ao início de tudo, à gênese, como o fez Euclides da Cunha.



FOTO 8 – Serra de Monte Santo – Fonte: TEIXEIRA, 1997, p.99.

Os signos da guerra e os signos religiosos (*A Luta*)

Na parte que encerra *Os Sertões*, Euclides da Cunha narra de forma épica os últimos momentos daquele acontecimento. O autor esteve lá, foi testemunha ocular. Evandro Teixeira, 100 anos depois, encontra apenas os vestígios daquilo que Cunha presenciou. O que o fotógrafo tem são as referências do livro e as histórias que ouviu dos moradores da região, que fazem as vezes de guardiões da memória da guerra.

O que parece que o fotógrafo quer nos mostrar é uma outra luta, pela preservação da memória. Parte dessa memória se materializa nas armas usadas nos combates, colhidas ao final dos conflitos e expostas em pequenos museus, como expressa a foto 9. Podemos perceber, pela composição da imagem, que o local parece um pouco improvisado, já que junto ao quadro com as armas fixadas encontram-se, à esquerda, disputando o espaço, cadeiras escolares. A fotografia nos mostra que o ambiente para

acomodar os *objetos da memória* é bastante reduzido, mas os moradores continuam lutando pela ampliação desse espaço.

Ainda na mesma imagem, logo abaixo das armas, vemos objetos, chamados de ex-votos, em forma de pés, cabeças, braços, que se referem às ofertas feitas pelos fiéis depois de terem suas preces atendidas. A imagem de Teixeira evidencia também o caráter religioso que a guerra teve e ainda tem para o povo de Canudos, personificada que é na figura profética de Antônio Conselheiro.

Nas fotos 10 e 11, temos, respectivamente, a presença humana e novamente de armas, facas etc. A legenda indica que o homem da primeira foto é Manuel Travessa, dono do museu de Alto Alegre, cidade da região. O museu é captado nas imagens seguintes: fotos 11 (tomada interna) e 12 (tomada externa). Nesta última, também há figuras humanas, mas os rostos não são vistos. Eles carregam uma tora de madeira, que a legenda diz ser o esteio que sustentou a igreja de Canudos. Ao fundo podemos avistar a estátua de um homem, vestido em trajes semelhantes aos ícones do cristianismo, com uma cruz na mão esquerda e um cajado na direita, certamente uma alusão a Conselheiro.

Mais uma vez religião e guerra se confundem. A igreja, local de oração, na imagem personificada pelo esteio de madeira, torna-se símbolo de resistência e luta do povo que a sustenta em seus braços 100 anos depois dos conflitos que a derrubaram. Antônio Conselheiro, uma espécie de soldado de Cristo, derrotado 100 anos antes, na fotografia de Teixeira mostra-se altivo, firme em seus propósitos de luta e fé. Assim como Dona Rita (foto 13), que exhibe em cada uma das mãos as armas daquela guerra, que para os guardiões da memória não parece ainda finda. E a cruz, representante da fé, mantém-se presente, como algo inseparável do acontecido em Canudos.

Evandro Teixeira reforça a relação do homem com a guerra e a religião ao compô-lo junto às armas e às cruzes. Ele faz uma espécie de ladainha, repetindo os elementos e as conexões entre eles em várias imagens. Euclides da Cunha em seu livro também fez algo semelhante, algo que alguns críticos viram como um aspecto negativo de sua linguagem, como nos afirma Bernucci (2009, p.22). Porém, “a repetição, para um escritor

disciplinado e rigoroso como Euclides, só pode significar ênfase em atender aos expedientes que unicamente ajudam a reforçar a unidade do livro”.

O que diríamos então das fotografias de Teixeira? Há, certamente, uma unidade também na forma como o fotógrafo articula os elementos visuais do local, repetindo-os, mas assim como o autor de *Os Sertões* utiliza-se de linguagens distintas. Na sequência apresentada neste item, ora ele faz fotos com a presença humana posada (fotos 10 e 13); ora os homens aparecem informalmente na foto, num ângulo oblíquo e com os rostos encobertos (foto 12), ora as fotos são registros bem simples, numa visão quase arqueológica dos objetos (fotos 9 e 11).

Como já vimos, essa variação de linguagem não se aplica a apenas esse item, mas ao livro como um todo, daí a possibilidade de se estabelecer, mais uma vez, um paralelo com *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, mais ainda, com a forma euclideana de representar Canudos. A seguir, apresentaremos uma aproximação com a sequência fotográfica que encerra *Canudos 100 anos*, a fim de observar como esta articulação de linguagens se dá neste momento derradeiro do livro.



FOTO 9 – Museu da Guerra – Fonte: TEIXEIRA, 1997, p.31.



FOTO 10 – Seu Manuel Travessa – Fonte: TEIXEIRA, 1997, p.76.



FOTO 11 – Museu de Alto Alegre – Fonte: TEIXEIRA, 1997, p.76.



FOTO 12 – Esteio que sustentou a igreja de Canudos
Fonte: TEIXEIRA, 1997, p.77.



FOTO 13 – Dona Rita – Fonte: TEIXEIRA, 1997, p.82.

A Luta continua

No conjunto de fotografias que integra a parte final do livro de Teixeira, alguns recursos fotográficos utilizados pelo fotógrafo parecem se diferenciar bastante dos observados no decorrer da obra.

As sequências se referem a dois acontecimentos tradicionais da região. O olhar do fotógrafo ainda está mediado pela grande-angular, notada em várias imagens, e pelo uso do preto e branco.

O primeiro acontecimento registrado é a procissão da sexta-feira santa em Monte Santo, em que um caixão com a imagem em tamanho natural de Jesus Cristo percorre o longo caminho da Santa Cruz (uma reprodução do Calvário de Jerusalém), construído em 1785, até a igreja da cidade. Um evento que move multidões para a região. As fotografias mostram grupos de devotos, numa relação com os ícones religiosos. Teixeira acompanhou todo o percurso dos fiéis e apresenta as imagens em sequência no livro (fotos 14, 15, 16 e 17).

Apesar de em algumas fotos haver um destaque no primeiro plano para uma ou duas pessoas (fotos 16 e 17), o fotógrafo ao optar pela objetiva grande-angular mantém o fundo em evidência também, onde há pessoas. Com isso, deixa mais clara a opção em ressaltar o coletivo. O que parece interessar a ele neste momento é mostrar o ritual religioso que só se mantém há mais de 200 anos nesta formatação, devido a imensa participação do povo sertanejo. Daí os planos mais abertos, mantidos em alguns momentos pela distância e em outros pelo recurso técnico da grande-angular.



FOTO 14 – Caminho da Santa Cruz em Monte Santo
Fonte: TEIXEIRA, 1997, p.113.



FOTO 15 – Semana Santa em Monte Santo
Fonte: TEIXEIRA, 1997, p. 117.



FOTO 17 - Semana Santa em Monte Santo
Fonte: TEIXEIRA, 1997, p. 121.



FOTO 16 – Semana Santa em Monte Santo
Fonte: TEIXEIRA, 1997, p. 119.

O segundo evento registrado pelo fotógrafo, e que complementa a última parte de *Canudos 100 anos*, é a celebração pelos mártires da guerra em Alto Alegre. De acordo com Bentes (1997, p.126), “o evento foi criado em 1984 pelo padre Enoque Oliveira, defensor dos sem-terra”, que foi acusado pelo governo baiano de querer ser uma espécie de Antônio Conselheiro. A igreja católica, por sua vez, criou um movimento dissidente, uma romaria. E a celebração virou uma espécie de teatro, onde os fiéis empunham bandeiras, balões, estandartes e moças vestidas com roupas brancas se postam sobre as ruínas da igreja de Santo Antônio, desnudadas pela seca do Cocorobó.

Evandro nos apresenta mais uma vez uma sequência fotográfica do acontecimento (fotos 18, 19 e 20). As fotografias são planos mais gerais que descrevem a paisagem e o percurso dos homens no entorno do Cocorobó. Aquele que, como a guerra, destruiu pela segunda vez Canudos. Mas a celebração acontece exatamente sobre as ruínas da igreja de Canudos que naquele momento despontava da água escassa do açude.

Na última parte de *Os Sertões (A Luta)*, nos conta Bernucci (2009, p.41), Euclides da Cunha usa bastante a linguagem arquitetônica “utiliza de um modo compensatório

uma regra discursiva que lhe permite remansar a cadência da sua narrativa, naqueles momentos em que as descrições de batalhas se intensificam, para dar-lhe cada vez mais ritmo”. São os momentos finais da guerra e o autor através de termos como *emperras e aduelas* “constrói a metáfora da resistência dos conselheiristas em torno da visão dos dois edifícios mais importantes do arraial, a igreja velha e a nova” (p.42), narrando com um olhar de arquiteto a derrubada das duas construções.

O fotógrafo Evandro Teixeira também se vale de uma linguagem um pouco mais descritiva para os eventos representados no final de seu livro. E, diga-se de passagem, nos únicos acontecimentos em que ele não interferiu diretamente, já que não eram situações criadas especialmente para a fotografia. Nas fotos também estão presentes as igrejas de Monte Santo, no evento da sexta-feira santa, e a de Santo Antônio, que renasce do Cocorobó na celebração pelos mártires da guerra. Euclides da Cunha recorre à descrição para dar mais ritmo ao seu texto, Teixeira, sem deixar seu imaginário de lado, protegido que está pela sua grande-angular, coloca-se como espectador de um acontecimento, imprimindo dinamismo no modo como podemos apreciar esse conjunto de imagens, não mais individualmente, mas numa relação sequencial. As fotos mostram que a resistência narrada em *Os Sertões* permanece, nas ruínas da igreja, na fé e na tradição do sertanejo e que *A Luta* continua mesmo depois de 100 anos.



FOTO 18 – Ruínas da velha Canudos – Fonte: TEIXEIRA, 1997, p.135.



FOTO 19 – Romaria pelos Mártires de Canudos
Fonte: TEIXEIRA, 1997, p.131.



FOTO 20 – Romaria pelos Mártires de Canudos
Fonte: TEIXEIRA, 1997, p.133.

Outro olhar sobre o tema sertão-canudos

As representações de Canudos são inúmeras. No site portfólium, coordenado pelo historiador baiano Antônio Olavo,

quase que inteiramente dedicado à preservação da memória da Guerra de Canudos, estão listados 40 fotografos que registraram a região, sem contar os vídeos, filmes e pinturas.

Para que pudéssemos realizar um outro movimento interpretativo nas imagens de Teixeira e diante dessa vastidão de trabalhos fotográficos sobre o tema, selecionamos o livro *Sertões: Luz & Trevas*, da fotógrafa inglesa radicada no Brasil, Maureen Bisilliat, e fizemos um passeio visual pela sequência inicial de imagens do livro. A obra foi publicada em 1982 e apresenta fotografias, em sua maior parte em cores, acompanhadas de textos referentes às duas primeiras partes de *Os Sertões - A Terra e O Homem*.

Na primeira sequência que compõe o livro da fotógrafa, são apresentadas oito fotografias (fotos 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27 e 28), sendo sete em tons de azul e apenas a última em preto e branco. O conjunto é antecedido por trechos do texto inicial de *A Luta*, primeira parte da obra de Euclides da Cunha. A linguagem utilizada pelo autor, como já se sabe, é bastante complexa, usa elementos da geologia, da botânica etc. Vejamos a parte que acompanha as primeiras imagens.

A terra sobranceia o oceano, dominante, do fastígio das escarpas: e quem a alcança, como quem vinga a rampa de um majestoso palco, justifica todos os exageros descritivos que fazem deste país região privilegiada, onde a natureza armou a sua mais portentosa oficina [...] É a paragem formosíssima dos campos gerais, expandida em chapadões ondulantes – grandes tablados onde campeia a sociedade rude dos vaqueiros... Atravessemola. (CUNHA, 1979, apud BISILLIAT, 1982, p.19)

As fotos são, poderíamos dizer, mais abstratas, pois quase não é possível reconhecer os elementos representados. Algumas vezes, porque se encontram desfocados, outras vezes devido à baixa luminosidade. Olhando as imagens de Bisilliat padecemos da mesma aflição de quando nos deparamos com alguns termos como *fastígio das escarpas* no texto de Euclides da Cunha. As fotografias parecem seguir a essência da linguagem do autor não exatamente a fim de traduzi-lo, mas inspiradas pelo teor estético e pela erudição da narrativa euclideana.

Não que a fotógrafa enverede por um caminho erudito, mas sem dúvida ela subverte os recursos fotográficos; nas cores, bastante distorcidas (foto 22); nos planos abstratos (foto 21 e 23); no movimento da câmera (foto 26), que resulta numa foto tremida. Ela parece sugerir um tipo de negação da fotografia em seu caráter realístico.

Maureen alia a palavra de Euclides da Cunha ao sequenciamento de fotos que ela chama de “realidade ilustrada” (1982, p.13). Porém, não demonstra nenhuma preocupação em fazer um trabalho verossímil. Os locais fotografados não são Canudos, são como ela diz no início do livro “ermos, aldeias e lugares santos do nordeste brasileiro – Juazeiro do Norte, Canindé, Bom Jesus da Lapa”(p.13). A obra *Os Sertões* está mais presente na forma como ela realiza suas fotos, na articulação dos elementos fotográficos. Sua inspiração está mais na linguagem euclideana e menos nos locais e na batalha descrita pelo autor em sua obra.

A fotógrafa optou por se aproximar mais da estética da linguagem de Euclides da Cunha ao escrever seu importante livro. Assim criou também um modo particular de representar o sertanejo em fotografias e acompanhou-as dos textos originais do autor. Tomar contato com seu ensaio fez-nos perceber que a relação estabelecida entre Teixeira e o tema sertão está muito ligada à Guerra de Canudos, e é o que talvez o tenha inspirado em *Os Sertões*, mais o conteúdo e menos a forma da narrativa. Suas fotografias evidenciam as características típicas do sertão, como a terra rachada pela seca (foto 29), os animais de estimação sui generis (foto 30), como os cabritos, mas também retratam o canhão exposto em praça pública (foto 31), os resquícios de trincheiras, supostamente, feitas pelos soldados durante a guerra (foto 32), de uma forma direta, sem cores, apenas em nuances de preto e branco, em fortes contrastes. As imagens de Teixeira mostram uma Canudos que não se descola da guerra, mesmo que já tenham se passado 100 anos.

Não pretendemos aqui discutir a qualidade dos trabalhos realizados pelos fotógrafos, mas ampliar nosso repertório visual a fim de percebermos mais elementos nas fotografias de Evandro Teixeira, objeto de estudo deste trabalho.

Neste sentido, podemos dizer que tomar contato com as fotografias do ensaio de Bisilliat e que vê-las assim, lado a lado

com as imagens de Teixeira, nos proporcionou uma visão mais aprofundada de suas fotografias, para além das relações com a obra *Os Sertões*, como inicialmente observamos.

Decifrar as imagens de *Canudos 100 anos* ampliou, através do imaginário do fotógrafo Evandro Teixeira, nosso modo de ver o sertão brasileiro e os acontecimentos que lá se deram, como a Guerra de Canudos. Além disso, reforçou o status da fotografia como uma forma expressiva em sua singularidade, que permite ao receptor trilhar caminhos diversificados e pessoais de interpretação. Enfim, como nas palavras de Lombardi (2007, p.50), “a fotografia condensa subjetividade, percepção e formas de pensamento resultantes de processos de construção no imaginário dos fotógrafos que, posteriormente, passam a pertencer ao imaginário dos que se dispõem a observá-la”.



FOTO 21 – Fonte: BISILLIAT, 1982.



FOTO 22 – Fonte: BISILLIAT, 1982.

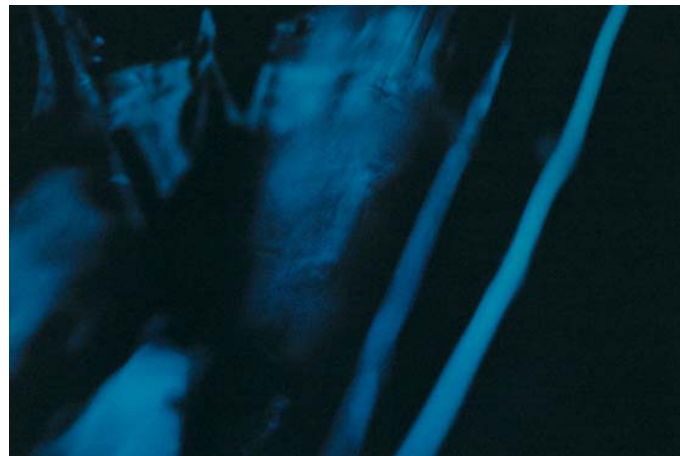


FOTO 23 – Fonte: BISILLIAT, 1982.



FOTO 24 – Fonte: BISILLIAT, 1982.



FOTO 26 – Fonte: BISILLIAT, 1982.



FOTO 25 – Fonte: BISILLIAT, 1982.



FOTO 27 – Fonte: BISILLIAT, 1982.



FOTO 28 – Fonte: BISILLIAT, 1982.



FOTO 30 – Animais de estimação – Fonte: TEIXEIRA, 1997, p.93.



FOTO 29 – Terra rachada – Fonte: TEIXEIRA, 1997, p.41.



FOTO 31 – Canhão em praça pública – Fonte: TEIXEIRA, 1997, p.103.



FOTO 32 – Resquícios de trincheiras – Fonte: TEIXEIRA, 1997, p.51.

Referências

BERNUCCI, Leopoldo M. Prefácio, IN: Da Cunha, Euclides. *Os Sertões*, 2009.

BISILLIAT, Maureen. *Sertões: Luz&Trevas*. São Paulo, 1982.

FOLTS, James A; LOVELL, Ronald P; ZWAHLEN JR., Fred C. *Manual de Fotografia*. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

LOMBARDI, Kátia Hallak. *Documentário Imaginário: novas potencialidades na fotografia documental contemporânea*. 2007. 172 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

MITCHELL, W.J.T. O ensaio fotográfico: quatro estudos de caso. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro, n. 15, p.101-131, 2002.

TEIXEIRA, Evandro. *Canudos 100 anos*. Rio de Janeiro: Editora Textual, 1997.

_____. *Fotojornalismo*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 2ª ed.1988.

PORTIFOLIUM. www.portifolium.com.br. Acesso em agosto de 2009.